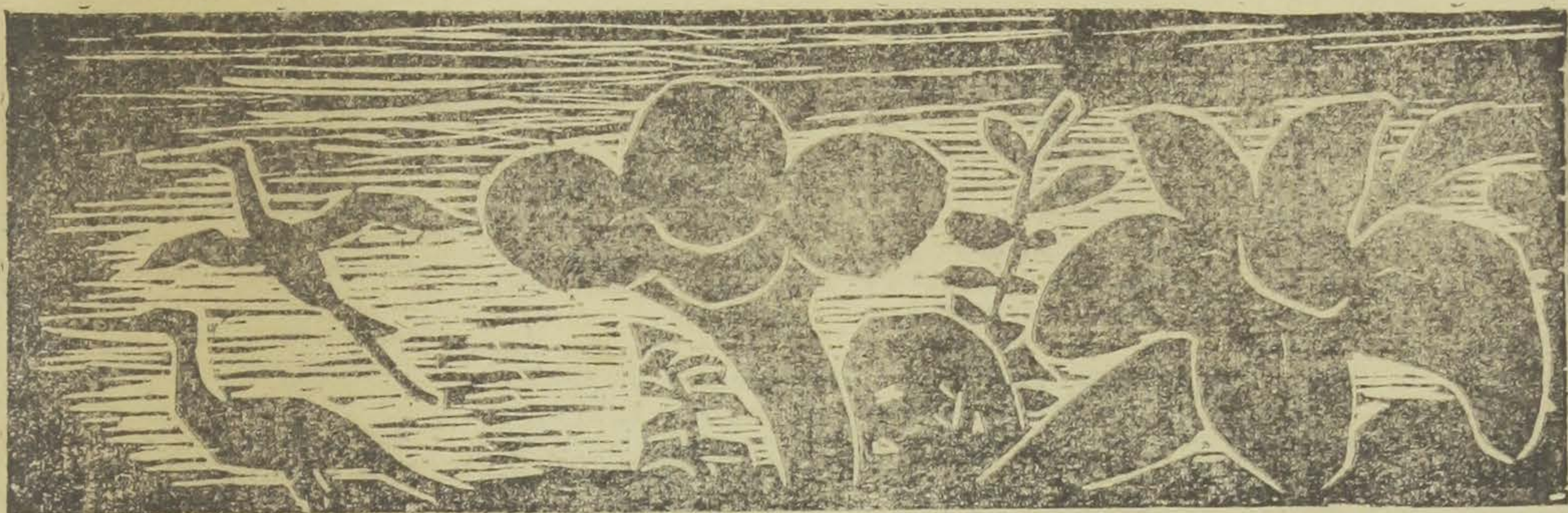


Correio das Artes

Ano I Número 34 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 13-11-1949



XILOGRAVURA DE OSWALDO GOELDI

JACKSON DE FIGUEREDO

NILO PEREIRA

GUARDO uma forte impressão de Jackson de Figueredo. Vi-o alguns dias antes de morrer, na Livraria Católica. Tinha um aspecto de cruzado da Idade Média; e por pouco não o vimos arrancar para o Santo Sepulcro a combater os turcos infiéis. Seu clima era êsse: a luta contra os inimigos da Igreja, permitindo-se as chamadas "santas violências" para confundí-los.

De temperamento arrebatado, Jackson de Figueredo conservou-se impulsivo e veemente depois da conversão. Para êle o cristianismo não era nenhuma água morna, nenhum sedativo; era antes, o estimulante que acendia nas almas "as loucuras da cruz". Êle foi precisamente êsse "louco", em arrancadas verdadeiramente quixotescas que muito o singularizavam. Sua obra é a sua vida: ninguém procure em Jackson as suas vidas do cristianismo, as flôres espirituais do misticismo Espinhos sim, êle os tinha e sangrando

como os da coroa de Deus imolado.

Era mais para dizer coisas ásperas, duras, cortantes do que para agradecer que êle se fez jornalista e escritor. Um artigo seu terminava sendo um panfleto; e se escrevia aos amigos — seu volume de cartas é admirável de emoção e de afetividade — preferia di-

zer-lhes a verdade nua e crua do que desmanchar-se em subterfúgios. De ninguém mais que êle se pode dizer que era um homem que ia direto às coisas; e às vezes tão violentamente que até se podia sentir seu esforço demasiado em tratar certos assuntos evidentes por si mesmos. Dominava o temperamento de

cavaleiro mediavel, alimentando um idealismo ardente e em tantos aspectos messiânico, feito da necessidade de salvar o próprio cristianismo que se amodorrava na disponibilidade espiritual do seu tempo; como ainda hoje se espreguiça nas concessões que vamos fazendo a cada momento ao liberalismo de tôdas as espécies. Sua revolta contra o indiferentismo religioso, pior do que a própria negação de Deus, era constante. Ninguém o viu jamais calar diante do êrro, sobretudo quando êsse êrro feria a estrutura da Fé e afetava a nossa formação tradicional. O panfletário surgia numa fúria pauliana e cada artigo seu tinha a força e o vigor das Epístolas. Tendo sido apanhado por Deus na estrada de Damasco, era ainda a São Paulo que acompanhava nos arrebatamentos da conversão; e como não morreu martirizado ao gosto pagão das perseguições primitivas, recolheu-o o mar, que era

SONETO

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

SENHORA, O MEU AMOR NÃO TEM DESTINO!
EM MIM TÃO SÓ LAVROU E FEZ TORMENTA,
EM MIM TÃO SÓ ARDEU, MAGOOU, FEZ RUINA,
EM MIM TÃO SÓ TRISTEZAS PROVOCOU.

SENHORA, O MEU AMOR É POBRE E ARDENTE,
É UM AMOR SEM HISTORIA, SOLITARIO,
AMOR QUE UM PEITO SÓ CONHECE E SENTE,
E QUE DAS PROPRIAS CHAGAS SE ALIMENTA.

SENHORA, O MEU AMOR É TRISTE E INÚTIL,
NÃO TEM RAZÃO, É INJUSTO, É MISERANDO,
VIVE DE ENGANOS, DE ILUSÕES, DO NADA.

NÓ ENTANTO, É GRANDE O MEU AMOR, SENHORA,
É MAIOR DO QUE O AMOR QUE EU TENHO AO MUNDO,
BEM MAIOR DO QUE O AMOR QUE EU TENHO A VIDA.

também um símbolo de sua vida agitada, revolta e incessante. Viveu e morreu lutando, como um apóstolo.

O que espanta — se é que nós, católicos em permanente disponibilidade, como costumava dizer Jackson de Figueredo, ainda nos espantamos de alguma coisa — é que sua obra esteja cada vez mais desaparecida e rara. Do bem que ela podia e pode fazer à mocidade, não preciso falar aqui. Ela é tudo quanto há no homem de sinceridade, de veemência, de verdade. É uma mensagem à regeneração humana; não a regeneração platônica ou simplesmente burguesa, feita de meios termos e conveniências — e sim a reintegração do homem no seu destino espiritual e eterno, na sua vida infinita. Para isso o homem terá de assumir uma posição forte no mundo, uma posição de intransigência diante do erro e da injustiça. Uma posição de combate. Posição tanto mais clara e necessária quanto é certo que, mal interpretadas como

ÚTIMAS EDIÇÕES

— **P** EQUENA HISTÓRIA DE UMA GRANDE VIDA", biografia de Rui Barbosa, de Cecília Meireles, editada pela Casa Rui Barbosa e destinada a ser distribuída gratuitamente por noventa mil crianças do Brasil; "CADERNO DE POETAS PARAIBANOS", de Luiz Pinto; "UM MINUTO NA ETERNIDADE", romance, de Alberto Montalvão; "MUSICA DA FONTE" versos, de Nilo Aparecida Pinto; "MINHA RUA DE MINAS", versos, de Oranice Franco; "AFRICA DO NORTE", do cel. Costa Leite; "PRAIA OCULTA", poemas, de Domingos Carvalho da Silva; "ESTRELA DO CÉU PERDIDO", poemas, de Lago Burnet, de São Luiz do Maranhão.

vemos as prerrogativas democráticas, inclusive porque padres políticos se permitem liberalidades religiosas perigosamente elásticas, e conceito do homem — do "homem novo" dos novos Evangelhos — se vai diluindo cada vez mais. Jackson de Figueredo era a reação contra essa diluição da dignidade humana, contra esse abastardamento do cristão, contra essa anestesia moral dos servos de Deus. E como a Democracia integral é a Democracia cristã, ou voltamos ao combate contra os inimigos da Fé ou não seremos mais do que agentes tão deletérios da confusão e da anarquia quanto os comunistas e ateus; ou talvez piores, porque simulamos a verdade, simulamos a fé, simulamos a justiça, simulamos a liberdade, confundindo todos esses conceitos fundamentais da vida humana.

Já uma vez apelei para o sr. Tristão de Ataíde no sentido de publicar as Obras Completas de Jackson de Figueredo. Mas, que querem? Tudo é di-

EDSON REGIS

DO Rio, onde se encontrava há cerca de um mês, regressou a esta cidade, o nosso companheiro Edson Regis, diretor deste suplemento.

Esta semana, o jornalista Edson Regis reassumirá a orientação de "CORREIO DAS ARTES".

ficil aos católicos. Não têm imprensa; ou quando a têm, é uma imprensa que se arrasta aos tropeços. Não têm editoras. Praticamente tudo lhes falta, o que é de esperar num país que se proclama católico, com uma maioria esmagadora de católicos.

Não há organização. E como estamos com os pratos á mesa vamos dizer claramente, sinceramente: a própria Igreja se coloca num plano doutrinal, realístico quanto à ideia que prega mas ainda distante e um pouco extraterreno quanto aos problemas práticos. Já é uma grande coisa que o sr. Tristão de Ataíde possa manter a Revista que Jackson fundou, apelando para os católicos que muito mais facilmente compram entradas para as corridas do Jockey ou bonitas roupas ou geladeiras estilizadas ou poderosos aparelhos de rádio do que farão uma assinatura d' "A Ordem". É essa indiferença, fruto dos sedativos morais com que o próprio católico vai

"CANTIGAS DE ENCURTAR CAMINHO"

ACABA de ser lançado pelo editor José Olímpio um novo livro do poeta Olegario Mariano: "Cantigas de encurtar Caminho".

Como sempre, um belo livro de poemas.

cedendo ao peso das conveniências, que o cavaleiro da Idade Média Jackson de Figueredo combatia.

Mas, se seus livros desaparecem, sua voz morre. E o mais grave é que, morrendo essa voz, nascem mil vozes do indiferentismo e da negação. É um terreno que cedemos ao inimigo com a nossa displicência. Não haverá por aí um deputado que possa apresentar à Câmara Federal um projeto no sentido de o governo mandar publicar as Obras Completas de Jackson de Figueredo? Que custaria isso à nação? Nada. A nação é que ficaria ainda a dever ao lutador e ao democrata que se chamou Jackson de Figueredo o inestimável serviço que prestou à sua defesa e preservação, reintegrando-a no seu primado espiritual. Que é dos representantes católicos deste país? Ou será que o cristianismo é um engodo eleitoral, às vésperas dos pleitos, e nada mais do que isso?

PRÓXIMAS EDIÇÕES

ANOS DE RESISTÊNCIA", de Antonio Franca, em edição "Região"; de Oscar Mendes, teremos, em breve, segundo declarou aquele escritor a um jornal mineiro, dois livros: uma biografia de Emily Bronte, a romancista de "O Morro dos Ventos Uivantes", e um panorama da literatura brasileira; "A INQUIETAÇÃO DOS SENTIMENTOS", do prof. Neves Manta; "CASTRO ALVES — Amor e Revolução", de José Gonçalves de Medeiros; "AS FILHAS DO FOGO", de Gerard de Nerval, em tradução de Willy Lewin; "HISTÓRIA DA LITERATURA BAHIANA" de Pedro Calmon, 3.^a edição.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redatores:

CARLOS ROMERO — DULCIDIO MOREIRA
GEORGE MATTOS — JUAREZ BATISTA

T. S. Eliot e a Geração Solitária

EDWIN MUIR

T. S. ELIOT é geralmente considerado o maior poeta contemporâneo da Inglaterra. A sua obra, desde o seu início, vem assinalando uma contínua transição. Parece apontar para um objetivo que ultrapassa a sua própria essência, e se escolhermos ao acaso alguns dos seus poemas temos a impressão de que realmente representam fases dessa transição. Mas, conforme indicam as suas mais recentes produções Eliot ainda se acha evoluindo sendo assim impossível, por enquanto, avaliar a sua verdadeira grandesa como poeta. Limitar-me-ei, nestas ligeiras observações, a considerar o aspecto histórico da questão, procurando enquadrar esse poeta na geração a que pertence.

T. S. Eliot começou a escrever em 1909, isto é, aproximadamente na mesma ocasião em que o fizeram outros escritores de talento que acabaram contribuindo decisivamente para a orientação principal da literatura da sua época. Desses os mais talentosos eram o norte-americano Ezra Pound, o irlandês James Joyce, D. H. Lawrence, produto da classe trabalhista inglesa, e Virginia Woolf, educada numa roda de intelectuais cuja tradição remontava quase que ao século dezoito.

Todos os principais membros daquela geração, excetuando-se Virginia Woolf, haviam sido, até certo ponto desarraigados. Nesse aspecto, como também em alguns outros, trata-se de uma das mais exquisitas gerações da literatura inglesa. Entre os seus membros desarraigados, todos, a não ser Eliot, vieram a fracassar de uma maneira ou de outra.

Pound e Joyce, após haverem demonstrado, na primeira fase da sua produção, que eram dotados de verdadeiro gênio passaram mais tarde a produzir uma espécie de literatura que, no seu estilo exuberante porém de linguagem esteril se assemelha à degenerescência que às vezes se observa nas flores. Uma

realismo. A época desses escritores foi definida por Wyndham Lewis que a ela também pertenceu, como a grande idade que se não materializou.

Foi essa a geração em que nasceu Eliot, e de cujos perigos foi salvo pela sua capacidade de evolução. Se for necessário um nome para defi-

acreditava nem nele próprio nem na sociedade, e que permanecia sempre um individualista porque qualquer outra escolha ainda teria sido pior. Ao mesmo tempo esse curioso herói tinha a consciência de que havia existido, num período ainda próximo, uma sociedade ligada por sentimentos comuns. O mundo de Arnold Bennet e de H. G. Wells era ainda bem recente, e o mundo de Dickens, que acreditava que todos ingleses, a despeito de fantásticos contrastes sociais, se achavam imbuídos dos mesmos ideais, ainda não se afastara demasiadamente. Esse herói, dotado de senso histórico, não ignorava, é claro, a relativa falsidade da suposição de Dickens; mas também sabia que antes de Dickens, antes da Revolução Industrial, talvez antes da Reforma existira uma época em que todos haviam sido ligados por laços ideológicos e que a sociedade fora então realmente uma comunidade.

A convicção de que a sociedade já não constituía um ambiente satisfatório para o ser humano tradicional, tal como a religião e o humanismo o haviam moldado, foi igualmente demonstrado por escritores de outros países europeus. O austríaco Franz Kafka formulou, essa opinião em uma rápida alegoria. Referindo-se ao homem da sua geração, Kafka declarou: — "Outrora fez parte de um grupo monumental. Em redor de alguma personagem colocada numa posição de destaque havia, em ordem significativa, estigias da classe militar, das artes, das ciências, dos ofícios manuais. Outrora fez parte dessas inúmeras figuras. Mas o grupo de há muito que



T. S. ELIOT

fatalidade semelhante ocorreu o D. H. Lawrence, cujas melhores produções foram escritas em uma época em que ainda não se solara totalmente da classe em que nasceu. O desasossego que o levou finalmente a procurar um país oposto ao seu, e as suas repentinas e efêmeras obsessões pela Itália, Austrália e México, fazem lembrar as concepções febris de um hipochondríaco apresentando a mesma intensidade e a mesma ausência de

ni-la, poderemos apeliá-la de geração solitária ou abandonada. Aqueles que dela fizeram parte eram profundamente imbuídos do sentimento de que o ser humano individual se achava isolado, sendo-lhes quase impossível emergir da sua solidão afim de participarem de uma comunidade de qualquer espécie. O herói típico da época, tanto na poesia como na novela, era constituído pelo individualista isolado que não

foi dissolvido, ou pelo menos o homem o deixou e caminha solitário pela vida. Já um possui a sua antiga ocupação; com efeito chegou a esquecer-se daquilo que outrora representava".

Esse homem que já não sabe o que representou, esse individualista que não crê em individualismo e que continua a viver num mundo onde o grupo humano foi dissolvido, é o homem moderno tal como o interpretou a geração de Eliot. Dele e do seu estado temos um quadro ilustrativo no poema de Eliot.

"The Waste Land" surgiu alguns anos depois da guerra passada. Joyce o descreve minuciosamente em "Ulysses". Um dos detalhes mais marcantes nesse livro é que enquanto vamos encontrar abundância de brilhantes diálogos, não há qualquer tendência para um estado de intimidade entre os caracteres. Permanecem todos numa espécie de isolamento estático. Lawrence, por sua vez, sentiu a existência de todo aquele isolamento, e o seu gênio procurou uma infinita variedade de estratégias destinadas a dominar e a recapturar o "fluxo" que outrora existira entre as relações humanas. Para conseguir o seu fim tentou aprofundar-se na vida da Itália e da Austrália, e finalmente na vida dos índios do México. Mas não tardou a se desiludir, regressando ao seu senso de isolamento.

E' aos escritores que mencionei que devemos recorrer se quisermos um quadro do mundo relativo período de, por exemplo, 1909 a 1930; e o fato desses escritores se sentirem "abandonados" não foi talvez um mero acidente. Por que o seu senso de abandono permitiu-lhes sentir, talvez com maior intensidade do que outros, alguma coisa que parecia estar acontecendo à civilização; refletiam o sentimen-

to de que essa civilização se estava tornando terrivelmente impessoal, que já não proporcionava um ambiente para a vida tradicional do homem. Joyce contentou-se em registrar as reações causadas a um artista puro por uma sociedade em que a existência de um artista não passava de uma anomalia. O quadro que pintou da sua própria época é valioso pelo fato de ser desinteressado. Lawrence reagiu com violência consciente contra tudo que o exasperava na sociedade e tentou encontrar um remédio no misticismo dos instintos. A poesia de Pound tornou-se uma tagarela sem fim, obscura e alusiva, e em que se confundiam a cultura e a prevenção. Era como se

um sábio encolerizado pronunciasse uma série de frases incoerentes.

Resta agora o caso de Eliot. Foi o único dentro da infeliz geração que conseguiu ficar partido dos seus colegas, e cuja poesia vem demonstrando uma crescente tendência para atingir a perfeição. Poucas são as razões que poderrei apresentar como explicação desse fato. De todas, a mais óbvia é que, diferente dos outros escritores acima mencionados, Eliot enraizou-se numa comunidade; a comunidade secular da Inglaterra e a comunidade religiosa do Catolicismo Anglicano. Mas não se deve atribuir essa ocorrência ao acaso; foi antes devido a qualidade de caráter e de inteligência

de que Eliot é dotado. Também se deve atribuir uma parte ao fator sorte, que, segundo dizem, auxilia aqueles que se auxiliam a si próprios. Mas desde o início a atitude de Eliot em relação à civilização na qual vivia contribuiu consideravelmente para o seu êxito. O seu esforço para compreender essa civilização foi mais intenso do que o dos seus contemporâneos. Eliot foi mais persistente, deixando-se antes de tudo governar pela sua inteligência. Sente-se que era mais amigo da sociedade do que Joyce, mais admirador da razão do que Pound, e mais fiel à verdade do que Lawrence. O fato de ser um homem de brilhante inteligência crítica lhe deve ter sido de valor incalculável. Houve quem afirmasse que se Eliot fosse menos um crítico teria sido um poeta melhor; mas o inverso dessa afirmação talvez se aproxime mais da verdade. Com efeito, não fosse Eliot um crítico de visão surpreendente, teria sem dúvida encontrado dificuldades bem maiores para dominar a época extraordinária em que atingiu a sua maturidade.

São essas, portanto, algumas das qualidades que esclarecem os motivos que permitiram a esse poeta sobreviver os perigos da sua época, do passo que tantos outros a eles sucumbiram. Contudo, é impossível apresentar uma explicação satisfatória e completa. Porque a força que ampara um escritor na sua luta pela perfeição é intangível. Essa força não pode ser definida. Poderemos talvez adivinhar a sua natureza nos poemas mais recentes de T. S. Eliot. São poemas que registam uma intensa consagração do cérebro e do sentimento, em um esforço que busca uma finalidade verdadeiramente espiritual.

Noticias

A CONFERENCIA DO ESCRITOR CORIOLANO DE MEDEIROS

TEVE lugar, sexta-feira última, às 20 horas, na Academia Paraibana de Letras, a conferencia do escritor Coriolano de Medeiros, nome destacado dos nossos meios culturais.

Discorrendo sobre o tema — FUNDAÇÃO DA CIDADE, o ilustre conferencista, esclareceu, em seu trabalho, pontos interessantes referentes à data de fundação da capital da Paraíba, apresentando um vasto documentario e revelando o seu espírito de estudioso do nosso passado histórico.

"APOEMAS"

EM "Edições JOSÉ", de Fortaleza, com ilustrações de Barbosa Leite, recebemos "APOEMAS",

caderno de poesia de Mozart Soriano Aderaldo e José Stênio Lopes.

Trata-se de uma plaquete bem feita encerrando uma dezena de poemas que valem como uma experiência.

A PALESTRA DO ESCRITOR SILVINO LOPES NA APL

ASSOCIANDO-SE às comemorações em homenagem ao Centenário de Rui Barbosa, a Academia Paraibana de Letras realizará no próximo dia 15 do corrente, em sua sede social, uma reunião solene, quando pronunciará uma palestra o escritor e jornalista Silvino Lopes.

Nesse trabalho, que se intitula — RUI E A LUTA CONTRA A VIOLENCIA, Silvino Lopes aborda um dos aspectos mais interessantes da vida do imortal brasileiro, que foi a sua luta em defesa da liberdade e do direito.

O Premio Nobel de Filosofia e Medicina

DILERMANDO LUNA

ALBERT Schweitzer, nas suas preocupações mais pela cultura, reclama de nós outros, uma posição analítica em face da coletivização intelectual, da cultura estandardizada. Nenhum melhor caminho para re-encontrarmos os valores essenciais que, o paradoxo.

A vida na sua sordidez, obriga-nos ao paradoxo e quando nós tornamos paradoxais pretendemos, ao tomar esta atitude colapsarmos numa situação que nos habilite à descoberta da verdade frente à verdade do juízo e opinião gerais.

Somente na infância e nos albos da adolescência, quando a vida se reveste, pela nossa incapacidade de discernimento, de um manto de pureza, acreditamos na santidade das instituições humanas. Depois vem o desencanto, a descoberta de que os homens, as instituições e as laureas da gloria, são em maioria, corrompidos e avilados por subalternissimas razões.

Entre as instituições de cultura que confiávamos na infância, encontravam-se as academias. Acreditávamos na sua seriedade e repudiávamos os homens que neles penetravam, os puros artistas, os incorruptíveis sábios, os filósofos das ideias eternas, pairando acima de crenças, patrias, raças e em consequência, ao próprio tempo. Mas que enorme paradoxo não só afirmamos, como constatamos, que tais homens pelas inscrições davam antes, por conveniências sociais e políticas que, por absoluto valor intrínseco!

Um premio em vez do galardão concedido ao mesmo pessoal, transformava-se muitas vezes na

glorificação hipocrita de uma ordem de coisas, que um determinado tipo de sociedade, teima em sustentar.

O Prêmio Nobel, esta consequência filantropica, oriunda certamente dos remorsos de quem descobriu a dinamite, não foge à regra geral, não se faz excepção. Já se viu, este premio outorgado a um escritor russo pelo motivo politico portanto extra-literario, de ser o mesmo, um refugiado da revolução de 1917, não conformationado com o advento e a experiencia socialista na sua patria. O fato de se haver distinguido Romain Rolland e Pirandello, não altera o conservadorismo do espirito sueco porquanto os dois, não poderiam suscitar conflitos ao reino nordico. A Sue-

cia era neutral, estava "au dessus de la melée" quando Rolland em 1915 clamava pela paz e Pirandello apesar do seu mundo pelo avesso, jamais atacou frontalmente o regime italiano.

Agora, a Academia de Stockolmo, vem de honrar com a sua escolha, o medico portuguez Egas Moniz, nome duas vezes illustre. Ilustre porque lembra aquele aio de D. Afonso Henriques, escravo da palavra empenhada e illustre por ser quem é: o homem que foi juntamente com Martinho Nobre de Melo, ministro de S. donio Paes, o homem que andou outra vez ligado ao celebre Volronoff em busca do prolongamento da juventude pelos enxertos glandulares dos simios, do defensor da anciandade, do eminente neurologis-

ta a provar com pinças e bisturi, não ser certos disturbios mentais provocados pelos potencias demoniacos e sim por causas endogenas, anatomicas e fisiologicas.

Como distincção conferida ao medico, nenhuma restricção faríamos ao juri escandinavo. Mas, o que nos parece ultrapassar ao proprio homem é se mencionar a sua condicção de filosofo.

Entre os cinco premios, estabelecidos por Alfred Nobel não há um só que se destine especialmente á filosofia sistematica e desse modo concluímos que quando noticiam os jornais um premio conjunto de ciencia e filosofia, nós o compreendemos não somente como uma glorificação concedida á ciencia que com uma descoberta ou mesmo uma teoria, vem dar-nos uma nova visão do mundo e da vida como fisicos do quillate de Einstein ou Heisenberg.

No caso de Egas Moniz achamos que se não pode mencionar uma filosofia.

Os portugueses como os espanhóis não são filosofos. Alguns nomes geralmente apontados são antes misticos e artistas que especulativos. O filosofo do seculo XIX, Aniero de Quental era primordialmente um visionario de remotas tradições flamengas, incrustadas nos Açores, não um discipulo do idealismo germanico. O contemporaneo Leonardo Coimbra com a sua doutrina do pensamento criador, do pensamento ativo e engendrador da propria materia é mais um artista do irracional que um pesquisador da verdade.

Outro existiram outros nomes uns sequizes,

NOTURNO

ASCENDINO LEITE

VEM, NOITE SEM AGOURO
SEM COMEÇO NEM TERMO
IGUAL EM TUDO.
TACITURNO SILENCIO
SEM APÊGO. VERTENDO-SE
EM LENTO ALENTO.
GÉLO E ESTRÉLA
AS BRISAS DE LUTO
CORREM PELAS VIAS INSONES.

DESEJO DE TI
SEM VESTES ESMERALDAS
E GESTOS FLEBEIS
E TEZ FUNERÁRIA.
APENAS
AS PUPILAS SERENAS
A DIGITAL DOÇURA
A INVEROSSIMIL. ETÉREA
COPA RIJA
FUGINDO AO ARDENTE
TACTO.

VEM, NOITE SEM AGOURO
SEM PENAS APENAS
FUGAZ VIOLATIL
NO CORPO PENDENTE
VIBRANTE DESNUDO.

do tomismo outros, de um hibridismo de platonismo e judaísmo como Leon Hebreu, ninguém como original criador de sistemas.

Mas, o que incapacita assim, o lusitano para a filosofia?

Fidelino de Figueiredo no seu PARA A HISTÓRIA DO FILOSOFIA EM PORTUGAL, seguindo Alophense de Candolle e Adolpho Coelho, explica a deficiência filosófica da sua pátria estribado em razões que podemos classificar como sociológicas. Keiserling na ausência de problemática do espírito luso. A nosso ver porém, a explicação encontra-se no seu personalismo e individualismo.

O português, povo de uma insatisfação ontológica que determinada por fatores históricos e políticos, seja pela sua propensão para o infinito, fadado à filosofia desde que se não contenta com o que lhe cerca de perto. O português essencialmente navegador, não navegador por necessidade económica como os fenícios mas por necessidade de se realizar além dos seus limites naturais, de realizar-se até ao infinito se transpuser o seu instinto para as regiões do desconhecido abstrato teria certamente, sido um desventurado de valores religiosos e metafísicos. Não o foi porque como homem de individualismo hipertrofiado, de homem que não consegue separar o mundo da sua personalidade não pôde abstrair de si, as suas contingências personalísticas ou se sujeitar as verdades que lhe eram independentes e exteriores. A expressão com que Keiserling definiu o orgulho lusitano, "orgulho de anão" tem a sua razão de ser não em sentido negativo, isto é, com relação as outras nacionalidades e povos, mas em sentido positivo, como o orgulho

do homem que se não quer submeter ao universo. Vasco da Gama não identificou uma agitação submarina, como o oceano apavorado ante ele e a equipagem da sua frota?

João de Castro Osorio, num ensaio intitulado PORTUGAL VISTO DA EUROPA, tem pontos de vista semelhantes aos nossos escrevendo: "O homem que põe na inteligência das coisas e de si próprio, todo o sentido da sua vida, mais rapidamente pode ascender do estado lírico ao estado filosófico. O mesmo se poderia dizer de qualquer das realizações parciais em que o homem pode por o sentido da sua realização.

Mas o homem que aspire, por natureza fundamental do seu ser, a realizar este totalmente, só tarde e dificilmente poderá transportar todo este poder lírico à fase de criação filosófica e religiosa".

Este poder lírico de que nos fala Castro Osorio constitui também um dos maiores obstáculos ao florescimento do espírito filosófico português, eliminando por outro lado toda espécie de crítica. Aubrey Fitz Gerald Bell num trabalho interessan-

tissimo, ALGUNS ASPECTOS DA LITERATURA PORTUGUESA, nega mesmo o carácter épico de Camões e o dramático de Gil Vicente ou Garrett para valorizá-los apenas como líricos. O épico para Aubrey Bell é inerente ao espanhol e o dramático necessitando de dois princípios opostos é incompatível à alma lusitana, incapaz de desdobramento. Também para Aubrey Bell o lirismo é o que impede no desabrochar de espírito filosófico em Portugal chegando numa obra de maior vulto (1) mas para nós menos atrativa que ALGUNS ASPECTOS DA LITERATURA PORTUGUESA a escrever: "Em grande parte é de carácter lírico, pessoal, fervente, místico, a melhor prosa portuguesa. Quanto à filosofia, o maior, senão o único filósofo português, Spinoza, judeu português, saiu de Portugal em criança; e Francisco Sanchez (1550—1620) se bem que provavelmente nascido em Braga, e não em a soberba Tuy, viveu em França e escreveu em latim. Consta-nos ele que terminou em 1574 o seu celebre tratado QUOD NIHIL SCITUR, publicado em Lyon em

1581 e no qual, em plena época de grande intolerância, fez ressurgir, dando-lhe aguda e curiosa expressão, a velha teoria de que nada se sabe. Para a filosofia moderna contribuiu o Dr. Leonardo Coimbra (nascido em 1883) com um livro notavel, mas um tanto abstruso (o grifo é nosso) intitulado O CRIACIONISMO".

Se Egas Moniz pode ser tido como filósofo, deve ser como o herdeiro de uma outra face do carácter lusitano, confirmando mais uma vez o naturalismo do pensamento deste povo que em plena época escolástica, confundia com Pedro Julião numa só entidade, espírito e matéria.

Por fim perguntamos, é ao insigne homem de ciência que se pretende homenagear ou ao mundo da língua portuguesa, ainda não detentor de um unico título que o credencie universalmente?

Todavia, quaisquer que sejam as razões, devemos nos congratular com a distinção recebida pelo ilustre mestre peninsular porque se os suecos quizeram premiar simplesmente o homem isolado não devemos esquecer que esse homem constitui uma das figuras representativas da inteligência lusitana e como tal, da nossa propria intelligencia. Se por outro lado, usaram de Egas Moniz como pretexto para nos exaltar é porque talvez, tenham reconhecido, a nossa capacidade, se não tanto para a especulação do mero, para as experimentações biológicas.

Somos muito portugueses em nos identificar, mais ás personagens históricas porque afinal o homem é a sua raça e a raça se projeta no homem.

Pequena Elegia da Viagem

H. DOBAL

PROFUNDOS PORTOS DA NOITE
GUARDAM AS VELAS ESQUECIDAS.
VOLTAREMOS ALGUM DIA?
EMERGIREMOS ACASO
PARA AS CANÇÕES E A LUA?
COMO NAS VELHAS HISTÓRIAS
EXISTE A PALAVRA E O SEGREDO.

ESTRÊLAS RECUPERADAS
SOMBRIA ANGUSTIA CIRCULAM
SIGNO ETERNO REPETE
PERENE REVOLUÇÃO
O' DESEJADO EQUINÓCIO
DESVAIRANDO A PRIMAVERA.

AMPLOS MARES SE DESDOBRAM
PARA OUTRAS PLAGAS REMOTAS.
VELEIROS DORMEM NOS PORTOS.
DORME A VIAGEM EM QUE TEMPO?

(1) "A Literatura Portuguesa — História e Crítica", Coimbra 1931.

O S O N H O

Conto de LENINE PINTO

SENTIA que ia passar o resto da vida sem compreender nada. Absolutamente nada.

Uma borboleta noturna vôou perto de seu rosto, e fugiu, ela nem se lembrava mais que estava com os olhos abertos. Os olhos fixos no chão lá de baixo. E, como uma pessoa que estivesse ressuscitando, por entre umas sombras de fumaça, foi vendo: a praça, as árvores de copas que vestem os postes escurecendo a praça; o corêto, já brincara como aquelas crianças pulando em cima dos bancos de cimento do corêto — mas era em Magé, aos domingos a banda da Prefeitura vinha tocar, e quanta gente não se arrodilhava em volta dos músicos, pasmados com as melodias. Em frente estava a igreja com suas luzes e vozes de novena, umas vozes de tristeza tão longa como a noite: Ó, como desejava que a igreja fosse um templo protestante! Viu o povo que se movimentava, o povo igual igual, inteiramente liberto. Os casais absorvidos no amor, banhados pela brisa forte que corre, brisa vinda do mar.

As coisas assim tão simples; e olhou tudo de novo varias vezes, como para esquecer, ficar entregue ao que sua vista alcançava. A rua, Sim, era estranho que até desejo de acompanhar estas pessoas que passam cantando despreocupadas, ela tivesse agora, ansia de participar do que é rua. (Mas, pode ser que ele se resolva a voltar, e não encontrá-la?)

Oh ainda ontem! Tudo mais claro que a sua paisagem, tão cheio de felicidade, tão definitivo. As coisas entretanto muda-

ram assim impiedosamente, como uma força formidável que procurasse arrastá-la novamente á sua origem de desprezos em Magé, porque havia amado loucamente, quase uma menina, pecou. — Ela recusa, luta, sofre, e somente porque ele levantou-se — ainda via-o levantar-se; cominou até a janela: esta mesma janela, e atirou a ponta de cigarro.

Dissêra: "É preciso não sujar a sala".

X—X

Agora está vazia. Melancólica. De uma melancolia humana a sala verde.

Uma estatueta e um jarro de flores, porém

falou alto o nome dele para acordar as paredes hirtas que pareciam feitas para meter medo aos meninos; os moveis, pesados, duros, crescendo á olhos vistos. Nem um som, sua voz retornou intacta. Riu ás gargalhadas feito uma louca, e desta vez foram os sinos da igreja batendo vagarosos que inundaram seu coração. Achou ridiculo que estivesse rindo ás gargalhadas, porque estava só, só; e depois aquelas contorsões no rosto, medonhas, terminariam por virar rugas: uma duas três ou mesmo quatro rugas a se derramarem pela testa, e seria já uma velha.

Os dedos na mesa tamborilando, rosas quase

imagens no jarro. Seria engraçado derramar a agua do jarro, deixar que empapasse a toalha, e de manhã um perfume de morte se levantando das rosas murchas; engraçado, como ratos no plano da menina da outra casa. (Um desastre pavoroso: os jornais anunciam, não sei quantas mortes e muitos feridos no choque dos trens.) Ah, se estivesse no desastre! Não queria morrer, não, isso nunca. Apenas ficar levemente ferida, e quando ela soubesse, ó.

Se imaginava no hospital todo branco, as irmãs religiosas entrando e saindo no seu quarto, cheias de atenções e que lindas toucas negras envolvendo aqueles pálidos rostos de pureza. Ai viriam avisá-la que um senhor, um moço, ELE, esperava. (Cobrir-se mais completamente, fingir estar dormindo, sonhando, deixar que ele como sempre beije seus olhos, cheio de ternura). Mas agora estaria preocupado, nervoso, arrependido; e desde há muito que desejava vê-lo arrependido — sabre tudo assim. (Poderia abraça-lo no hospital? Não. Não podia.) Bateram á porta, de leve, a mão de um anjo.

Não resistiu. Ele trazia um bouquet de rosas, rosas iguais as do jarro sobre a mesa, tão preciosas. Ergueu com dificuldade os braços, radiante, os olhos que tomavam novamente lágrimas de vida e sorriam. Quiz se atirar, porém estava presa aos lençóis, e feliz Feliz!

Entretanto, ele, impassível atravessou a sala, atirou para longe o cigarro pela janela, para não sujar.



DAGLICH — DE "PÁSSAROS DAS ILHAS BRITANICAS"

FELIX VALLOTTON

BERNARD CHAMPIGNEULLE

UMA exposição em Paris, chamou atenção para o nome desse pintor desaparecido há 24 anos, de quem fala em geral com respeito, mas com reservas. Suíço de Lausannes, veio para Paris aos 18 anos. Naturalizou-se. Familiar dos grandes independentes da então — um Bonnard, um Vuillard, um Collet, um Roussel — que fez figurar esse grupo num quadro célebre — participou ativamente da vida artística parisiense quando o impressionismo findava e o fauvismo aparecia. Mas olhando o vigor e a minúcia do desenho, seu colorido, seus encantos firmemente inscritos numa espécie de grafismo geométrico, e sua aparente frieza, dir-se-ia que ele ficara à margem da vida e da arte contemporânea. Teria trazido consigo a Suíça, com suas geleiras, seus cumes, sua reserva, seu calvinismo?

Aquele artista, cuja pintura exprime pureza de intenção e bondade de ofício nunca deixou de escandalizar. Mas o escândalo de Vallotton era especial. Dificilmente se lhe encontrariam parentes em seus contemporâneos, sobretudo os revolucionários do momento. Fora pequenas obras de juventude que pintou no estilo saboroso dos Vuillard anteriores a 1900 não ha vestígios de parisiense nesse estranho parisiense. Tão apartado do divisionismo de Gauguin quanto do construtivismo de Cézanne, olha para o Museu para Dürer, Cranach e sobretudo Ingres, que nos recorda sob vários ângulos. Irritou a sua geração como Ingres irritou os românticos.

Poderia parecer que se aplicava com secretos desejos de provocação à

Ir contra a maré do seu tempo, se, para lá dessa voluntária secura, não se lesse a sua sincera paixão de pintar. Uma lucidez quasi cruel na observação, não o impedia de se entregar. Aqui e além transparecem aresias de malícia em que se adivinha a ironia dos ternos.

Era muito capaz de pintar como os seus amigos da mocidade: algumas pequenas telas de cunho intimista, em que cantam vermelhos vivos ou amarelos profundos mostram-nos sínteses sedutoras que estão no espírito dos pintores da *Revue Blanche*. Por um outro lado as suas gravuras poderosas, em que vibram um vivo espírito de síntese, documentam não só uma técnica impressionante mas também uma raríssima acuidade de visão.

Rapidamente tomou, entretanto, um caminho divergente em que o encontramos sosinho. Repudia quanto perence, aos pontos e tendências do seu tempo, para só se fiar na ciência perfeita do seu desenho à rigorosa pureza das formas. Suas paisagens são construídas com um sentido do real extremamente nítido, em que se dicern a preocupação essencial de criar ritmos lineares. As suas figuras, sobretudo os seus nus, recortam-se de maneira incisiva sem preocupação de atmosfera. Enquanto na esteira de Cézanne se hesitava o assunto para só pensar no motivo, Vallotton fica acima de tudo um pintor de assunto. No tempo em que um artista procurava transpor a natureza por sinais plásticos, por sínteses esquemáticas e relações coloridas que se arredavam cada vez mais do concreto e do real — aquele

se prendia cada vez mais à representação exata desse concreto e desse real.

Estava pois no polo oposto ao movimento de que nasceria o cubismo, de que viriam Matisse, sua descendência, e finalmente a abstração. A sua arte, premeditadamente volta as costas a qualquer espírito do seu subjetivismo, e ao que chamámos a arte da sujeição. Assim passou por um retrogrado de um reacionário, quando o seu desdém da atualidade e das contingências da atualidade o tornaram o verdadeiro tipo de independente.

Não nos espante pois que nossos contemporâneos, sobretudo, os moços, se sintam desorientados ante esses quadros que não lhes lembram nada do que costumam ver, amar, aplaudir. Aquele ar um tanto presumido, que não se permite licença, nem fantasia, nem quasi liberdade, não chega a inspirar-lhes emoção; mas não deixam de se impor aquelas formas impecáveis, agudas, aquela ciência do desenho, aquele estilo. Se nos incomodam e as vezes nos irritam aquele domínio do assunto, aquela fatura rápida, aquela consciência ativa — não deixam de atestar que estamos em presença de um mestre.

E por isso essa pintura escandaliza, como tudo o que é desusado. Por isso não pode deixar-nos indiferentes, embora corresponda tão pouco à nossa concepção perante a pintura e do mundo. Ela deixa transparecer uma extraordinária vontade de ficar à margem das correntes da moda, às seduções de facilidade e dos êxitos a que um artista com os dotes dele tinha afinal direito. Mas quem

sabe? Talvez sua mensagem não seja dos que se estendem sobre uma ou duas gerações. Não me espantaria que ele conhecesse a desforra e a reabilitação e lhe pedissem salutares lições.

A atitude artística de Vallotton merece análise. Quando tantos artistas estrangeiros vieram pedir a Paris um clima que os ajudasse a quebrar as regras, este parecer ter encontrado em França exatamente o oposto. Prenderam-no os museus, as formas tradicionais. A muitos outros parecia fascinar um brilho exterior, um espírito de boemia alegre que se casava bastante bem com o mundanismo e o snobismo. Vallotton que, continuará a ser ele proprio e acentuava ainda esse lado rigoroso, essa seriedade, que lhe valeram a estima de seus pares mas o impediram também de conhecer grande vaga.

Viveu no meio desse fogo de artifício que fez irradiar por toda a parte a Escola de Paris; e, com uma discreção aplicada, quasi ficou na sombra. Chegou certamente a hora de reconhecer a esse grande pintor o lugar que ele merece.

ANATOLE E A
"GAFFE"

Quando esteve no Uruguai, por ocasião da sua viagem à América do Sul, Anatole France cometeu uma "gaffe" deliciosa. Antes de iniciar sua conferência em Montevideo, celebrou, no meio da consternação geral do auditorio, a maior riqueza do país: o café. Por causa disso, durante muito tempo, o café passou a ser designado no Uruguai como uma "fortaleza anatoleana".

Um Cronista com Alguns Pecados Mortais

LOPES DE ANDRADE

A LITERATURA brasileira não tem sido muito feliz com a crônica e os cronistas. Além de ser de difícil exercício, a crônica conta ainda com um desfavor do público que a considera, injustamente, um dos gêneros menores da literatura.

A crônica requer graça, singeleza, espiritualidade, além de um talento próprio para dar relevo aos fatos que aparentemente não têm relevo nenhum. Antes do modernismo, tivemos um escritor que fez abundantes sucessos explorando esse gênero literário: foi Humberto de Campos.

Era uma crônica sentimentalista e dramalhona, ainda nos lembramos, a de Humberto de Campos. Ele se dirigia ao grosso do nosso povo, cujos sentimentos comuns repetidamente explorava. Tinha um talento invulgar para contar casos, e contava-os, uns sobre outros, sempre no estilo daquele "mais um drama da vida".

Sua literatura, entretanto, obteve um sucesso de livraria que nenhuma outra de seu tempo foi capaz de obter. Livros como "Destinos" e "Os Parias" foram verdadeiros "best-sellers" nacionais, numa época em que a tradução de certos romances mambembes, vulgarizados pelo cinema norte-americano, ainda não intoxicava o gosto literário dos brasileiros.

José Lins do Régo, Jorge Amado, Érico Veríssimo, surgiam de um lado dos nossos horizontes literários, quando o velho Humberto de Campos desaparecia do outro.

Com o advento do modernismo a crônica tomou novos rumos, mas somente depois de 1930

apareceu outro tipo de cronista com destaque igual ao de Humberto de Campos: o sr. Rubem Braga.

Ambos se notabilizaram, como sabemos, sobretudo pelos seus talentos de cronista, mas que diferença os separa! Enquanto a nota dominante na crônica de Humberto de Campos é a simpatia humana, a ternura e a piedade, que às vezes desce até a piçagueira, na crônica de Rubem Braga dominam sobretudo a ironia, a sátira,

o espírito de desaprovção. Só uma coisa elas têm em comum com todas as crônicas em todos os tempos: a predileção pelo trivial, pela superficialidade dos acontecimentos sociais humanos.

Hoje, que Humberto de Campos está morto e Rubem Braga praticamente abandonou a crônica, nós poderíamos talvez ensaiar uma classificação para os dois, chamando ao primeiro de um cronista com a graça de Deus e ao segundo, um cronista com espírito de porco.

Outros escritores brasileiros contemporâneos, têm-se dedicado à crônica, tais como Genolino Amado, Franklin de Oliveira, Raquel de Queiroz. E, no passado, tivemos, entre outros, Frei Vicente do Salvador, um cronista sem pecado nenhum, para quem todos os males que ocorriam no Brasil eram consequência da mudança do nome do nosso país de Terra de Santa Cruz para o de um pau de tinta qualquer.

Vem-nos agora, porém, a "Livraria Pedrosa", de Campina Grande, revelar um outro tipo de cronista que, sendo uma mistura de Humberto de Campos com Frei Vicente do Salvador, tem, sobre este último, a vantagem de possuir deliciosos pecados mortais.

Realmente, a crônica de Cristino Pimentel, de que a "Livraria Pedrosa" se prepara para lançar o livro "Dois Poetas", é pitoresca, alegre e... provocante. Nela são perfeitamente notáveis alguns pecados veniais e outros mesmo mortais, como diria aquele seráfico consul salazarista, Manoel Anselmo, que pontificou, na crítica literária, alguns anos atrás, em Recife.

Mas, gentil, desembaraçado e malicioso, esse cronista de província é daqueles que nos anchem, gulosamente, todas as medidas da alma. Seu estilo, estonteante como uma montanha russa, tem tentações do arco da velha, e seu bom humor, sua ruidosa alegria de viver, como seu moralismo de frade bonacheirão, excitam como um bom copo de vinho.

Por outro lado, Cristino Pimentel não é nenhum "novo" nem na idade,

Poemas de

WALMYR MARANHÃO

BALADA

O retrato sorrindo
A lampada apagada
O lirismo congestionado
Meu sentimento tão puro
Que os poemas não solstraram.

A minha amante distante
Boiando num si-bemol
O gesto insepulto
O adeus ou o suicídio?

As palavras aniquiladas
Rebentam no espelho
Uma sonata, uma balada
A necessidade de um gesto violento
Toda vibração coagulada
E os olhos da morta
Escortando entre os meus dedos.

ESTUDO Nº 2

Meu olho esboça o poema
Pentagramas desordenados
Navegam pelas vidraças
O lirismo desesperado
Onde dançam naufragos mutilados.
O soneto contorna a noite
Rostos disformes se multiplicam
Entre gritos telefônicos:
Os orlãos são luzilados
No ventre do mar mundã.

(o poema antecipado
a sirene da ambulância
ou a granada estorrendo na rua...)

nem nas concepções de sua literatura, embora tenha tudo aquilo que o meu amigo Ledo Ivo ainda há pouco proclamava faltar a quase todos os "novos" e "novíssimos" um sadio e contagiante apetite pela vida. Esses "novos" e "novíssimos", dizem os benjamim da nova geração, vivem a anunciar uma revolução que não têm coragem de fazer para não perubar sua doce paz de Bisâncio.

O cronista Cristino Pimentel, ao contrário, não anuncia revolução nenhuma, mas ninguém duvidará que ele é capaz de fazer as revoluções que quiser. Para isso, aliás, não lhe falta o espírito de luta, um perene entusiasmo e aquela qualidade eminentemente genial, que é ter coragem de catucar o diabo com vara curta.

"Dois Poetas", o livro que marcará a estreia desse cronista com alguns pecados mortais, compõe-se de um discurso de posse do autor como membro do "Clube Literário de Campina Grande", em louvor do poeta morto Severino Pimentel, uma fina joia literária da Província já desaparecida; e de uma Crônica acerca do poeta matuto Bernardo Cintura, velho filósofo satírico que "viviu de louvações" nas feiras de Campina Grande.

Não enfeixa ele, portanto, nesse livro, suas melhores crônicas, senão uma delas, a que se refere ao poeta popular Bernardo Cintura. Todavia, mesmo quando discursa com ares acadêmicos, Cristino Pimentel não deixa de ser cronista, agitando as cordas do humor, da graça e do munitismo.

Do ponto de vista estritamente literário seu livro caracteriza-se, sobretudo, por um inocente sadio em apresentar a poesia, simultaneamente, em festa e em roupas de baixo. Tal é, mais ou

menos, o sentido da justaposição em que estão colocados no livro o jovem poeta burguez das "Asneiras em flôr" e o velho poeta mendigo de "Futrica é Governador".

Dois extremos, com efeito, se tocam nessa nova edição da "Livraria Pedrosa" — a poesia com punhos de renda, monóculo e bengala de castão de ouro; e a poesia com a camisa por fora das calças, de pés tapados, a mendigar tostão nas feiras... Qual das duas a mais pura e verdadeira, a mais bela e peregrina?

O cronista Cristino Pimentel não toma partido, objetivamente contra ou a favor de nenhuma delas. É fácil, no entanto, perceber-se seu snobismo literário através dos louvores que dedica aos punhos de renda de Severino Pimentel e da espontânea admiração que não consegue reclamar pelos versos de pé rapado de Bernardo Cintura.

O eruditismo, a dourice, a "finesse" literária, constituem verdadeiro "complexo de inferioridade" para o cronista de "Dois Poetas" que está constantemente "ilustrando" suas crônicas com citações de outros autores, o que consegue fazer com certa graça e candura, mas sempre por mal de seus pecados.

"O homem tem sobre o espírito a vaidade", confessa-nos Cristino Pimentel, e "esta é a sua tentação". O vinho, o destino, a fatalidade, a ganância, o gôso, a riqueza, eis algumas das personagens mais reais de sua crônica.

Concluirei esta breve notícia sobre essa crônica do interior, com alguns poucos, mas inocentes pecados, apresentando uma pequena amostra de seu talento e dos seus originais meios de expressão, que extraiu precisamente do trabalho a aparecer sobre Bernardo Cintura:

"Roi Couro se chamava

antigamente á rua 4 de Outubro", onde Henrique pé do Molambo instalou uma pensão de vendidas. Chega lá o poeta. Pedem-lhe para fazer um verso para a tal pensão. E que casa é esta? pergunta o poeta. É uma pensão de "reparigas", respondem-lhe. Bernardo Cintura alisa as barbas e manda escrever esta quadra:

Quem chama a isto
[pensão
Não fala com bem cer-
[teza
Casa de muito canhão
Só pode ser fortaleza"

Mas, o cronista logo se esquece do poeta e passa a indagar a quem cabe a culpa pela desgraça das mulheres da vida. "Ao destino, talvez", éle próprio responde. Entretanto, a referencia do destino imediatamente lhe acode uma longa digressão filosófica:

"Há uma fatalidade patranço em tudo. Na vida dos animados e inanimados. No fruto que cai, no homem que tomba; na mulher perdida; na criança mendiga; no poeta que sofre e vive de migalhas, como viveu no mundo o glosador Bernardo Cintura"...

E assim já estamos de volta, outra vez, ao poeta que o cronista araz esquecera. Mas logo em seguida outra referencia accidental o arrebatou de novo e ei-lo, agora revoltado, vergastando as misérias urbanas:

"Esquelético, vencido e miseravel (o poeta), percorria as nossas ruas, a Cidade inteira, onde a agiotagem, a exploração do homem pelo homem e os aventureiros pululam como micróbios nos alveolos pulmonares de um tuberculoso..."

É um estilo de montanha russa, como já o chamamos, de solavancos e sobas e desces, de marchas e contra-marchas, em que a incontinência das ideias e dos sentidos, o realismo das palavras,

o chiste, a irreverência, a piedade e certo humanismo choramingas dão-se amistosamente as mãos para nos oferecer um produto intelectual delicioso pela vivacidade, pelo colorido, pela provocação e por uma série inumerável de grandes e pequenos pecadinhos da mais vária e ingênua natureza.

Com a publicação desses "Dois Poetas", terá a Província da Paraíba revelado, mercê da coragem comercial e do bom gosto literário, do jovem livreiro Pedrosa, de Campina Grande, mais um de seus valores literários, indiferente a seus naturais limites e aos limites artificiais, que o despeito erudito e as incapacidades ilustres não lhe deixaram de colocar como inocentes pedrinhas no caminho...

A POESIA BRASILEIRA, DIVULGADA NA SUIÇA

NO jornal "Die Tot" (Zuerich), do dia 17 de setembro de 1949, acaba Stefan Bacin de publicar um artigo, "Dois poetas brasileiros", que não pode deixar de conquistar ao divulgador de nossas letras no estrangeiro a simpatia dos admiradores de Manuel Bandeira e Bueno de Rivera. St. Bacin dá notícia seguramente informada de desses dois poetas, do mestre de todos e do mais importante dos que têm agora 30 anos", o artigo incluiu a tradução de "Profundamente", "Irene no Céu" e "Ultimo Poema", e de "Açougue" e "O Bêbado no Cemitério", de Bueno de Rivera.



NOTÍCIAS DE UM CENTENÁRIO

WILTON VELOSO

II

QUANDO em 1878 ascendeu ao poder o Partido Liberal, entrou então Gama e Melo definitivamente para a arena política de onde somente se afastou com a morte, em pleno mandato de Senador da República. Eletto vice-presidente da provincia êle ocupou interinamente 5 vezes o lugar de presidente no período de 1880 a 1885. A primeira vez ocorreu em Maio de 1880, a segunda em Setembro do mesmo ano; a terceira em Março de 1882, a quarta em Novembro do mesmo ano; a quinta e ultima em Abril de 1883. Em 1885 com a ascensão ao poder do Partido Conservador voltou Gama e Melo á sua luta oposicionista. Foi derrotado em duas ou tres eleições para deputado, devido em parte á falta de prestigio politico junto ao Governo Central, e do prestigio junto ao mesmo Governo do seu maior e mais temível adversario politico que era Anísio Salatiel Carneiro da Cunha, irmão do Barão do Abaí. É preciso acentuar que Gama e Melo foi um dos mais ardorosos defensores da ideia da abolição da escravatura, o que constituia mesmo parte do programa das reivindicações politicas do seu partido. Em 1889 com a Proclamação da Republica, êle fez uma declaração pelo "Jornal do Commercio", justificando-a e aceitando-a plenamente. Exerceu Gama e Melo varios cargos publicos, entre eles o de Director da Instrução Publica, o de Provedor da Santa Casa de Misericórdia e o de Inspetor da Alfandega, cargo que exerceu até o ano de 1896, deixando-o então para assumir a Presidência do

Estado para a qual fôra eleito, e cujo mandato terminou em 1900. Teve como principais auxiliares de Governo, as seguintes pessoas: Mariano Rodrigues Pinto como Secretario do Govrno; José Francisco como Inspetor do Tesouro; Francisco Coutinho de Lima e Moura como Official de Gabinete; Bento José de Medeiros como Comandante da Força Policial; e José Seixas Maia, Gonçalo Aguiar Bôto de Menezes, Antonio Baltar como Chefes de Policia em diferentes epocas.

Como todos aqueles que levam para a politica a sinceridade de suas atitudes e a honestidade dos seus propositos, Gama e Melo teve o mesmo destino, o invariavel destino, — dos que dizem a verdade, dos que não vendem a consciencia e dos que defendem e respeitam, antes e acima de tudo, a dignidade do seu officio e da sua mis-

são. E porisso êle sofreu por parte dos seus inimigos, e até mesmo dos seus grandes amigos, as maiores e mais graves injustiças. Mas deante das quais nunca se acovardou nem transigiu jamais. Sempre soube, muito superiormente, sobrepor-se a esta multidão de inimigos, que eram justamente aqueles que ele desenganava com o seu invariavel amor á justiça e á honestidade. E esta intransigência, esta serenidade imperturbavel em todas as situações, mesmo as mais desesperadoras, era o que mais irritava os seus adversarios, desejosos como sempre de tirar partido das dificuldades de seu governo. Adversarios que Gama e Melo teve de todas as especies e de todas as categorias, desde o respeitavel Alvaro Machado — contra quem escreveu uma notavel serie de artigos intitulada de "O Crime Politico" — até

um jornalista do valor e de capacidade combativa de Artur Achilles, ou até mesmo "pobres fracassados que invejavam o seu prestigio e o atacavam com uma falta de escrupulos que era mais própria da molecagem dos morros do que da vida politica!

De um carater austerrissimo, conforme depoimentos de contemporaneos seus, êle poucas vezes ria. Mas o seu poder psicologico traduzia-se frequentemente pelo que se denomina força ou prestigio de uma personalidade vigorosa, que era nele interior e concentrada, e que não se manifestava aravez de atos exteriores, teatraes, mas recolhia-se nas dobras de uma realidade subjetiva e exprimia um dominio moral que tinha o pudor da ostentação e do aparato. É pelo que sabemos, êle era desses individuos que impressionava á primeira vista,



DULCIDIO MOREIRA — PENHASCOS

pois guardava zelosamente uma enorme força moral que se dissimulava aos olhos de todo mundo, embora exercesse uma influencia ativa e marcante sobre as pessoas que o rodeavam. Sua vida publica como chefe de partido, como parlamentar, como Presidente do Estado, dando a tudo um ar de campeão, dos segredos, dos mistérios e das experiências politicas, marcam a sua carreira como a de um homem capaz de ganhar todas as batalhas onde a "inteligencia" pudesse decidir a parada. A sua inteligencia mesclada de rusticidade e de habilidade forma mesmo — como diz o academico Oscar de Castro que me ajudou grandemente prestando as informações necessárias — o seu perfil mais conhecido. O jogo do homem profundamente inteligente com os elementos e contextura de sua origem e de sua formação explicam em parte o prestigio da personalidade de Gama e Melo. Mas ela se afirma sobretudo por algumas qualidades muito particulares, muito individuais, de sentir as situações e de se sobrepor galhardamente, com a presteza e a agilidade de um esgrimista, aos seus desfavores ou ás suas incertezas.

É muito conhecido, e nos conta ainda hoje como absolutamente verdadeiro o velho Coriolano Medeiros, um episodio de seu tempo que já nos faz entrever o homem austero e equilibrado que seria Gama e Melo no futuro. Foi durante os exames orais em que era submetido no concurso para a cadeira de Latim do Liceu Paraibano. Tendo referido o ponto dentro do qual seria arguido neste exame, um professor meio cético dos conhecimentos de Gama e Melo naquela matéria, lhe fez de choibre esta pergunta: "Então, o sr. sabe mesmo este ponto?". Ao que ele

meio nervoso, mas sem tergiversar, responde: "Se eu disser que sei e não corresponder á expectativa, o sr. dirá que faltei á verdade; e se eu disser que sei e corresponder á expectativa, o sr. dirá então, que sou um presunçoso e petulante". Ao terminar todas as provas cobrinha ele, como já disse, o primeiro lugar, sendo aproveitado para a respectiva cadeira pouco tempo depois.

Estas qualidades, aliás, esboçavam sempre presentes na vivacidade do seu olhar e na força de sua palavra, sempre vibrante e inesgotável. Acentuam, ainda, de modo duradouro todas as fases e episodios nos cargos ou funções que exerceu. Marcam de maneira indelével o seu espirito público, toda a longa trajetória acidentada e gloriosa de chefe e campeão de uma das mais importantes correntes do nosso pensamento politico. Estão integras e palpantes no cotidiano de suas funções e de seus postos, nas sombras das lembranças daquelas pessoas a quem recebeu e com quem tratou, ou ainda, na impressão anônima dos que o conheceram de rápido. Pois a sua vida foi toda ela um conjunto geral de atividades sempre expressivas e sempre exigentes, que distribuíram sem interrupção, as suas forças e suas virtudes, sem a ambição ingenua de que elas fructificassem, mas visando apenas que elas servissem do melhor modo, e em todos os aspectos, aos ideais a que se consagravam. Diante de personalidades como a de Gama e Melo devemos meditar longamente e admirá-las silenciosamente pelo muito que elas tem de viva e de presente nas atitudes, nos seus gestos, nas suas virtudes de inteligencia, que fizeram d'ele nos tempos atuais, o mais perfeito exemplo, o mais autêntico

simbolo da democracia em nossa terra.

Ele possuía como ninguém todas as aptidões e disposições que todo o verdadeiro governante deveria ter, demonstrando sempre nos seus mais insignificantes atos ou decisões, uma conduta irrepreensível de quem tinha plena consciencia do seu officio. E como todo autentico dirigente que está comprometido de sua alta missão Gama e Melo era mesmo — inacessível a toda debilidade ou temor. Convencido como estava, de que a sua primeira missão devia consistir em dar á sua obra toda a nobreza do seu próprio pensamento, toda a sua atividade era dirigida sempre para fins mais altos do que assegurar a mera subsistencia material das gerações. Por isso mesmo ele realizou uma obra que merece por parte das ultimas gerações, e muito principalmente da minha geração, todo o respeito e toda a simpatia.

Mas, o que é surpreendente na vida de Gama e Melo, é que este homem antes debil do que robusto fisicamente, se tenha firmado e assegurado o seu prestigio politico em meio á hostilidade de duas forças tão antagonicas quanto poderosas: a do Governo Central e a do chefe politico local. E mais surpreendente ainda é que pudesse, num lapso de tempo comparativamente breve, e tendo contra ele alem dessas forças politicas central e local, muitas dificuldades de ordem financeira, sêcas, inundações, cangaceirismo e mil outras coisas — pudesse ele, como disse, realizar uma obra administrativa tão importante e tão vasta, principalmente no setor da instrução publica, o que constituia um fato unico em todo período da nossa historia desde os tempos da monarquia. Pois embora contando com a hostilidade

do Governo de Campos Sales e do poderoso chefe politico local que era nesse tempo Cel. Antunes da Trindade Meira Henriques — e ainda com cheias dos ricos, sêcas ou ainda ás voltas com o sério problema do cangaceirismo, Gama e Melo conseguiu fazer um governo que se pode chamar com justiça de equilibrado, eficiente e honesto, sobretudo honesto. Entre outras grandes realizações do seu Governo, podemos citar: a criação de um Banco Agrícola; a construção de dezenas de escolas publicas em todo o Estado; uma forte campanha de repressão ao crime, e em particular, ao cangaceirismo que teve como ponto culminante o celebre episodio do Surrão, em que um grupo de cangaceiros chefiados por Antonio Silvino pretendiam derrubar o seu Governo; medidas para um melhor e mais eficiente regime penitenciario em todo Estado; foi ainda no seu Governo que se firmou o contrato com uma firma para a execução do plano de abastecimento de agua da Capital.

Durante o seu Governo, sem distincção de cor ou de credo politico, todos puderam viver cristãmente, isto é, na tolerancia perfeita de todas as crenças e tambem de todas as incredulidades. Sendo um espirito profundamente religioso, Gama e Melo professava mesmo o mais suave dos catholicismos, sem odios nem perseguições, mas conhecendo a fundo e cultivando em sua vida as palavras do Evangelho. Pois eram mais de humildade do que de exaltação que as suas palavras e atitudes estavam impregnadas em todos os instantes de sua longa, luminosa e acidentada vida politica. Antes mesmo da lei, antes da rigidez dos regulamentos e das conveniências pessoais, a sua primeira fonte era a to-

De que morreu Augusto dos Anjos?

TULO HOSTILIO MONTENEGRO

De que morreu Augusto dos Anjos? Separando o material para um trabalho sobre a presença da tuberculose na literatura brasileira, não tive dúvida em incluí-lo entre os enfermos do mal de Kock.

João Alphonsus, porém, em artigo publicado no suplemento de "A Manhã", nos tempos em que era dirigido por Mucio Leão, duvidou fêz-se o poeta doente do peito pois os exames feitos à época da sua morte, na-

da revelaram quanto a lesões pulmonares. Teria, nesse caso, morrido de uma moléstia aguda, adquirida quando regressava do enterro da "pessoa amiga". Que doença seria essa afinal? Difícil dar a última palavra. O que parece evidente é que a física o prendeu nos braços antes dos trinta anos, deixando-lhe livre apenas a imaginação mórbida, doente delirante. Dos intelectuais que traziam a marca da doença, o poe-

ta foi talvez, na sua geração, o que mais a apresentou no aspecto físico.

Agripino Grieco conheceu-o por volta de 1912, quando morava no Rio e, para viver, ensinava — particularmente, "magro, todo em arestas, andando a cair para a frente e com uma vivacidade nervosa que emprestava ao menor dos seus movimentos a importância de um gesto categórico. Tinha a pele acobreada dos malaios e, ao andar, tão es-

quelético que se sentia a impressão de ouvir-lhe os estalidos da carcaça mal azeitada, dizia, com ar timorato, coisas de significação bastante atrevida.

Orris Soares, amigo fiel, fazendo-lhe o elogio na introdução do volume "Eu e outras poesias", decreve-o "magro de magreza esquelética, faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descavada. Sua boca — um gorte macabro — fazia a catadura crescer de sofrimento, por contraste do olhar doente de tristeza e dos lábios em crispação de demônio torturado. (...) A clavícula, arqueada. No omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para diante.

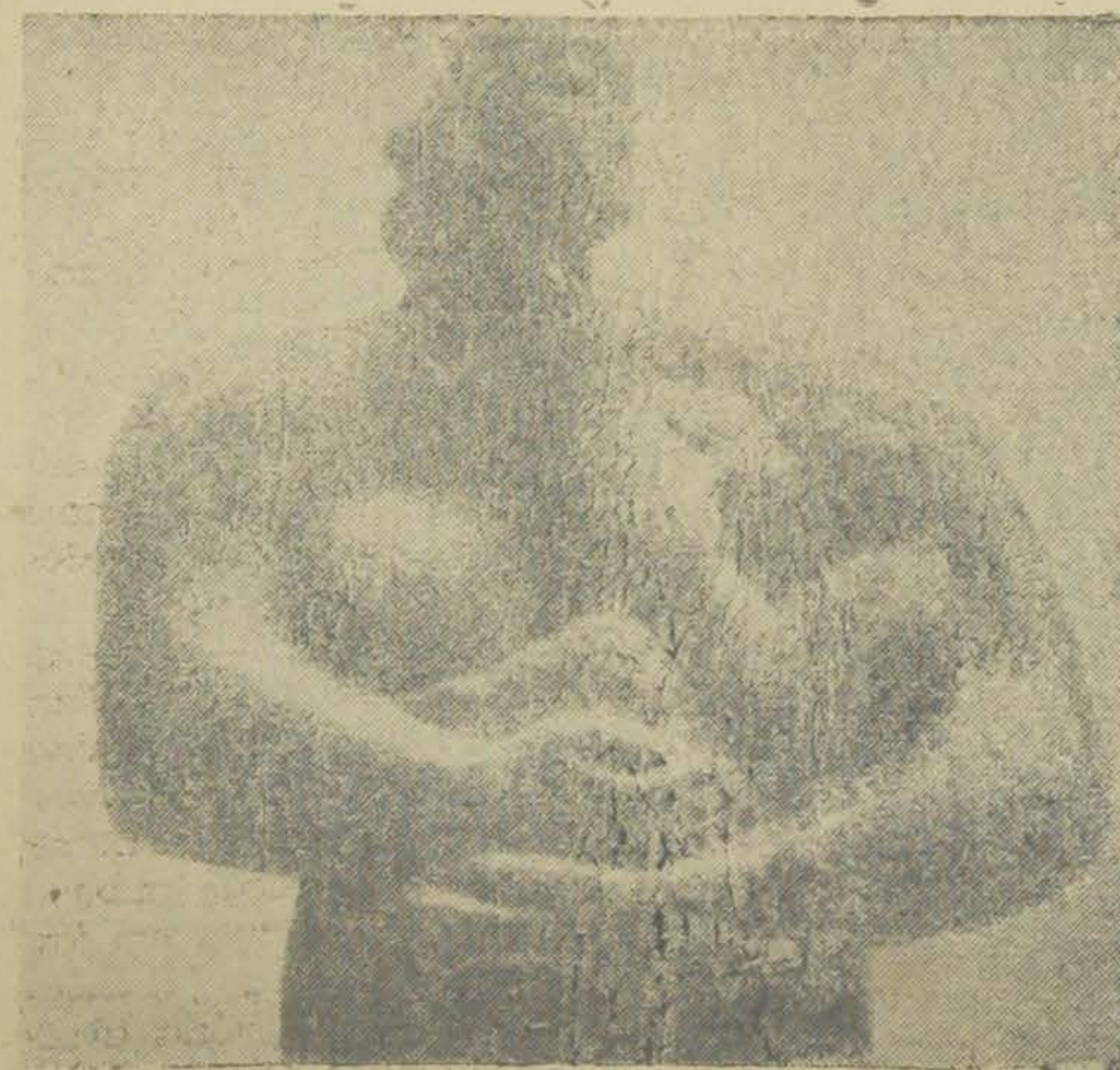
Os braços pendentes movimentados, pela dança dos dedos semelhantes a duas rebecas tocando a alegoria dos seus versos. O andar tergiversante, nada aprumado, parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cérebro". Por aí se vê sob que físico miserável se ocultava aos contemporâneos a pujança intelectual de Augusto dos Anjos. Evidentemente teria de ser um revoltado, um indivíduo chato de complexos, um sofredor. "O mundo para ele — escreveu Gilberto Freyre — "não era alegria de criação nem festa de renovação, mas contante dissolução de vida — da vida mais nobre e da mais vil — com os homens, as árvores, as coisas mais queridas — o pai, o tamarindo do eugenho onde nasceu, os livros — apodrecendo diante dos seus olhos arregalados de mártir da falta de sono".

lerância e a caridade. Praticava, pois, uma religião a mais simples e a mais humana de todas, e pecava mais contra ela quem pecasse contra os pobres e desamparados. Fazia da clemência uma das suas maiores virtudes, ou melhor, a sua grande força. E se teve tanto poder, tanta influência para a definitiva formação republicana das forças políticas de seu Estado, foi ainda porque sempre se apresentou desarmado, a lutar contra os poderosos mesmo em favor daqueles que não rezavam pelo seu catolicismo. Ele foi neste sentido um espírito grandioso e elevado, principalmente porque todos, sem exceção, até mesmo os que se guiavam por uma política diferente da sua, se sentiam bem à sua sombra protetora e amiga. Sempre abriu a liberdade de pensamento e por este ideal sacrificou a própria vida, assegurando às gerações que lhe sucederem, a esperança de uma existência melhor e mais livre, de uma vida em que a justiça constituisse a razão mais forte e solidariedade humana a finalidade essencial.

Esta é pois a lição que a nossa geração deve

melhor compreender e melhor sentir. A lição de um homem cuja ação não teve limites, e no qual o espírito e o pensamento não conheceram fronteiras. Como Presidente do Estado, como Senador Federal ou mesmo como simples professor de latim, mostrou sempre em todas essas funções, a nobreza de uma inteligência permanentemente voltada para as grandes causas e para os mais puros ideais de justiça e fraternidade. Uma poderosa

inteligência e um grande homem. E agora que sabemos já a sua história, eu quero lembrar para ele — pois a ele caberia perfeitamente — a quele mesmo epitáfio escrito pelo grego Eschilo para ser colocado no seu próprio túmulo: "Aqui repousa Eschilo, filho de Euforion, nasceu em Atenas e morreu em Gela, perto dos vulcões, os bosques sagrados, os Campos de Maratona, os oráculos de longa cabeleira flutuante que dizem se ele foi bravo: vitam-no".



HENRY MOORE — MÃE E FILHO

POESIA NOVA

A MARGEM DE "O ALUNO"

REYNALDO BAIRO

AINDA há poucos dias li numa revista francesa, "L'Arche", que a arte moderna deve se apresentar enxuta, despida de artifícios, nada formular, algumas vezes deve ser bem ríspida, direta, subjetiva, sem qualquer significado que seja de uso imediato — sem a preocupação, enfim, do que o assunto possa nos dizer mais aproximadamente mas exclusivamente com a preocupação e propósito de destacar a consciência de criador na obra de arte a fazer.

No século passado, um certo poeta já queria exprimir o mesmo, pouco se lhe dando a aceitação do público em geral, ou não. Baudelaire, no prefácio que fez à segunda edição das "Flores do Mal", nos afirmava, avançado de sua época quase cem anos, que "mediante uma determinada série de esforços o artista pode elevar-se a uma originalidade proporcional", caso esse mesmo artista seja "capaz de compôr uma tragédia que não será mais vaiada que outra" qualquer. O que importa (dizemos nós) é que o artista, poeta ou não, se exclua, se torne sozinho; aproveite sua experiência acumulada; aproveite as lições recebidas das gerações anteriores a ele e saiba se libertar em seguida; só alcançando uma "originalidade proporcional" a si mesmo, na medida que for "capaz de compôr uma tragédia que não será mais vaiada que outra" qualquer...

Encontro no livro de José Paulo Pais, "O aluno" (Edições "O Livro", Curitiba, 1947), a vacilação mais desarrazada em se tratando de um poeta novo. Este jovem,

com sua poesia ainda em formação, nos dá a personalização do que se convencionou chamar, falando de "novíssimo", de uma geração bem comportada. Nos nove poemas que constituem o seu livro de estreia, vamos encontrar uma "Drummondiana", uma "Mulliana", e vestígios de Bandeira, como na "Canção do Afogado".

Sem dúvida, que aí topamos com uma poesia pessoal muitas vezes. Uma sensibilidade que procura se renovar em si mesma. É uma atenção para com o mundo, bastante inusitada entre nós, mais novos. Porém, o poeta mesmo confessa que tem a mão "presa na corda de ferro" e por essa razão me parece que nem sempre seus dedos tocam "a rosa que desce que afunda sorrindo nas águas do mar". Na realidade, há em José Paulo Pais um senso de modernismo bastante acentuado, o que lhe tira certo caráter de sinceridade e concatenação. "Maninha me salva não posso nadar!". "E o mar me rodeia, afoga meus olhos". "Teus irmãos constroem no ar atmosférico com pedras e luzes um berço pouco a pouco": são versos, colhidos aqui e ali, que me dão a sensação de coisa passada, enterrada, mumificada, e que nada dizem desta personalidade de poeta que procura fugir ao vulgar. É sempre a aproximação de uma falsa modernidade o que perturba "a priori" este moço, necessitado de "redentoras asas" brancas...

Se José Paulo Pais conseguir se superar, superando certas influências, nele inadmissíveis porque prejudiciais, e ele

conhecerá as "mãos frescas como folhas" que cobrirão seu corpo como anátemas, vindo assim que seu esforço não é um "esforço inútil de libertação"...

X—X

O pudor é o que causa espécie em José Paulo Pais. Não que ele seja retraído, interiorizado, só. Ao contrário, José Paulo Pais vê demais aquilo que não devia ver e por isso se toma de um puritanismo nem sempre feliz na sua poesia, com carencia de muito ar. Antítese de um Rilke que precisa de solidão; de um Supervielle que participa sem imiscuir-se; de um Walt Whitman que se alonga por planícies desconhecidas, tudo procurando conter em si mesmo, pela precisão de conhecer o ineditismo das sensações; José Paulo Pais se me afigura "a árvore seca esperando seiva", o mundo que "não tem paisagem". Ele próprio é quem confessa que na frente "é o deserto coberto de pedras", sem qualquer "sombra de oasis"; atrás, no passado longínquo, "a dama morreu, os castelos se foram na tarde cinzenta". É no momento supremo, quando ele desespera amargurado consigo mesmo, que mais o poeta nos convence:

*"Caminhas sem rumo
por todas as ruas,
não rasgas um livro
nem matas o amigo".*

Nos convence porque ele só conhece "o limite do corpo", do corpo que ainda vagueia. Depois, virá a conhecer "o limite dos outros". Mas já um pouco tarde... Porque "a porta distorça órbitas vazias e rosas que nas-

cem de gravata, rotas" o assustarão... O poeta vai e se aborrece mais ainda, com ele mesmo, ruidosamente:

*"Agora sem crença
procuro no ar
no jardim inútil,
qualquer borboleta
que da chuva esconda
suas asas..."*

Entretanto, parece que o que tinha que vir não virá mais, anoteceu. E o poeta se recolhe então no mutismo de sua insatisfação perene.

Sinto em José Paulo Pais um poeta que trabalha, busca e se desorienta. Será, de exclusivo, num sobrenatural desapego a tudo, que ele poderá nos ensinar futuramente a sua música sutil — preconizando, como hoje anuncia, que "boiam no vômito" todos os adolescentes que hoje não o são!



GIDE E A ALEMANHA

LIVRO bem curioso é, certamente, o de René Lang, "ANDRÉ GIDE ET LA PENSÉE ALLEMANDE", obra que acaba de ser apresentada pelas edições Luf, de Paris, contendo várias cartas inéditas do autor de "La Porte Étroite". Gide sempre manteve íntimas relações com a Alemanha intelectual. Goethe constituiu uma de suas grandes paixões e Nietzsche influenciou-lhe diretamente no pensamento. E se aprendeu o alemão foi, naturalmente, pelo grande interesse que a literatura germânica lhe despertava.



MORRE UM SABIO

JOÃO DA VEIGA CABRAL

QUATRO palavras bem secas trouxeram-me, na semana passada, a notícia de que morrera um sábio. Um sábio brasileiro. Um sábio autêntico de um país em que a simples aquisição do alfabeto constitui-se ainda, para alguns, um como que verdadeiro título de doutor.

Um telegrama estampado em letras bem miudinhas lá pelas trazeiras de um jornal transmitia á indiferença dos seus leitores a informação para ele — o jornal — carecedora de qualquer importância: "Faleceu, em Paris, o prof. Artur Ramos"... E, depois de uma vírgula, para completar o espaçozinho reservado á notícia, desinteressante, mais um pormenor sobre a personalidade do defunto: "... diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO". Ponto final e vamos mudar de assunto.

Estávamos justamente a findar a leitura do 2.º volume desse colosso de cultura e de especialização científica que é a INTRODUÇÃO Á ANTHROPOLOGIA BRASILEIRA, de autoria deste grande sábio que o Brasil acaba de perder. Ficamos encantados, deslumbrados diante da perfeição metodológica, da honestidade das buscas cujos resultados ali estavam expostos, da clareza e da isenção com que o eminente investigador trazia á cultura universal os resultados de anos e anos de um trabalho hercico,

devotado, paciente, na procura das verdadeiras raízes raciais do seu povo. Artur Ramos acabava de completar um verdadeiro milagre de investigação científica. Ele pegara esse embrulhado e complicado coquetel racial em que se vem formando a nação brasileira, desmanchava-o, separava os seus elementos formadores, originários, e os analisava, um a um, em todas as suas características, materiais, físicas, psicológicas, espirituais e culturais. E desse mergulho profundo no sangue e na alma dos povos ele nos dava, com a clareza e a beleza da simplicidade, uma síntese como poucas tem elaborado até agora, no assunto, a ciência universal.

A nossa Música, a Música que bebe a sua seiva nesse humos racial da nacionalidade muito deve e muito ainda deverá a essa obra gigantesca de Artur Ramos. Á essa e a outras não menos importantes. Os seus estudos sobre folclore, cultura e aculturação negra no Brasil são campos riquíssimos de estudo e de inspiração para os músicos e compositores brasileiros. Nos trabalhos de Artur Ramos os informes são, sempre, honestos, seguros claros e apoiados em cuidadosas investigações. E, anôtemos, com sua leitura se encontrará o artista na intimidade de um irmão...

Artur Ramos projetou o nome do Brasil, com

muita honra, nos mais altos círculos científicos do mundo hodierno. As suas obras estão, e grande parte, traduzidas para o inglês e para o espanhol. A posição que ele ocupava, agora, em Paris, diz muito a seu respeito. Porque cultura na Europa é uma coisa muito séria. Não será qualquer Mario Melo que, com o seu anuário perpétuo debaixo do braço, cantará de galo para aquelas bandas...

É muito natural, convenhamos, que quando morre um brasileiro como Artur Ramos os jornais da terra noticiem o fato por um simples telegrama, lá pela quarta página, por entre anúncios de elixires estomacais. Por agora o Brasil tem revistas e jornais para ir com eles glorificando os grandes nomes que o seu coração estima. O Mestre Artur não era um craque de futebol. Nem um locutor de rádio. Nem uma Carmen Miranda, nem, mesmo, um orador político como um João Neves da Fontoura. Nunca tomou parte em confabulações para a sucessão presidencial. Não era nada, portanto.

— Coitado. Era somente um sábio.

AOS DISCOFILOS

Uma audição de música erudita, atenta, sistemática, recomenda-se ao amador, para aquisição de bom gosto e de uma sólida ilustração musical. Recomendamos, por já haver em nosso comércio especializado, as seguintes gravações: MOZART — Eine Kleine Nachtmusik (Serenata em Sol) — K 525 — Orq. Filarmonica de Londres. Reg.: Sir Thomas Beecham. Gravação Victor. — J. S. BACH — Prelúdio e Fuga em Lá Menor. Solopiano: Biron Janis. Grav. Victor. BEETHOVEN — Sinfonia n. 4, Opus 60, em Si Bemol Maior — Orq. Sinfonica de Cleveland — Regencia de George Szell — Gravação Columbia.



"O APOSTÓLICO"

RECEBEMOS o n. 69 de "O Apostólico", órgão trimestral da Escola Apostólica dos Padres Jesuítas, de Baturité, no Estado do Ceará. Encerra boa colaboração.

ANTOLOGIA DE POETAS PARAIBANOS

(Conclusão da última página)

CHORANDO

Agora, musa minha desditosa,
Tu que outrora cantaste entre esplendores,
E sonhaste na quadra dos verdôres
Um porvir de venturas, côr de rosa;

Tu que vias alegre e esperançosa
O mundo por um prisma de mil côres,
E acreditando ingenua nos amores,
Á vida te corria descuidosa;

Agora, já que todas te deixaram
As doces crenças e ilusões de um dia,
E contigo as saudades só ficaram;

Agora que ao soprar da ventania
As flôres da esperança te murcharam
Levanta, ó musa, um grito de agonia.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

ANTONIO ELIAS

1865 — 1909

ANTONIO Elias Pessoa, nasceu na praia de Lucena, povoação do município de Santa Rita, a 3 de outubro de 1865. Era neto do poeta e revolucionário de igual nome que muito se destacou na revolução de 1817. Fez os primeiros estudos na sua terra natal, cursando, em seguida, por breve tempo, o Seminário de Olinda, e, com algum preparo em humanidades, voltou para Lucena onde se dedicou ao magisterio, sendo, então, nomeado professor primário na cidade de Areia. Anos depois, nesta capital, lecionou Francês e outras disciplinas. Foi também redator da Imprensa Oficial.

Era casado com a sra. Deolinda de Sousa Pessoa, irmã do poeta Americo Falcão.

Faleceu nesta capital no dia 21 de outubro de 1909.

Publicou: "Lira Melancólica", Paraíba, 1908.

DUVIDA CRUEL!

Sim! melhor fôra eu nunca conhecer-te!
Não te amaria hoje doidamente!
Bastava-me o viver triste e descrente
Que no mundo arrastava antes de ver-te!

Mas um dia te vil... Como dizer-te
Não sei quanto a minh'alma por ti sente;
Repara! em meu olhar que te não mente,
Verás a ancía infinda de querer-te!

Bem sei que me não amas, visto que
Duvidas da paixão em que m'inflamo,
E amar é crer, ter esperança e fé.

Longas horas cismando por ti chamo!
Dize que provas queres que te dê,
Ordena, e então verás como te amo!

ULTIMO ADEUS!

Foi loucura, Senhora, eu não devia,
De sagrados deveres deslembado,
Ouvir o coração apaixonado;
Naquele em que vos vi, infeliz dia;

Mas é que na minh'alma um vacuo havia,
E em vós, julguei, Senhora, alucinado,
Um coração achar bom, dedicado;
Mas um'alma encontrei cruel e frio!

Dei-vos, Senhora, extremos e fineza,
E cantos de louvor ergui aos céus;
De vós só tive ingratidões, dureza.

Pois bem! enquanto os tristes dias meus
Durarem, amar-vos-ei, mas com nobreza;
Quebro a pena e vos digo o ultimo adeus!

LENITIVOS DO POETA

A brisa ligeira
Que geme fagueira
Da anosa mangueira
Por entre a folhagem,
Tem tal melodia,
Tão doce harmonia
Que o vate extasia
Lhe ouvindo a linguagem.

A onda queixosa
Que vem pressurosa
Da praia arenosa
O seio beijar,
Semelha a donzela
Mimosa, singela,
Que anseia, que anhela
Num leito a chorar.

A lua que nua
No espaço flutua
— Ligeira falua
Num mar de safira,
Do seio derrama
Tão pálida flama
Que o vate se inflama
E dedilha na lira.

O brando trinado
Que solta pousado
Na silva do Prado
O alado cantor,
Tem tal sentimento,
Tão languido acento,
Que um triste lamento
Parece de amor!

Sa as lindas boninas
Das verdes campinas
Suaves neblinas
A tarde humedecem,
Exalam odores,
Que inspiram amores,
E acalmam as dores
Que o vate entristecem.

Entim, os rumores
Da brisa, os odores
Que exalam as flôres,
A luz do luar,
Da vaga o bramido,
Da ave o gemido,
Do vate descrido
Minoram o penar.

(Conclui na página anterior)